

Perspectiva docente sobre as “repercussões” da Base Nacional Comum Curricular na formação de professores de Educação Física

Professor's perspective on the "repercussions" of the national Common Curricular Base in the training of physical education teachers

Renan Santos Furtado
Universidade Federal do Pará - UFPA
Gustavo Henrique Oliveira Costa
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-Pará-Brasil

Resumo

Introdução: Discute as repercussões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará (UEPA) a partir da perspectiva de docentes do curso. **Objetivo:** Tem como objetivo analisar a compreensão de docentes do curso de Educação Física da UEPA a respeito das repercussões da BNCC na formação inicial de professores. **Métodos:** Utiliza-se da pesquisa documental e da análise de conteúdo para a interpretação dos dados oriundos de entrevista semiestruturada. **Resultados:** Aponta que para os docentes da UEPA a BNCC se configura como um retrocesso para os campos da Educação e da Educação Física, apresentando-se como um mecanismo de semiformação. **Conclusão:** O estudo indica que existe uma uniformidade na crítica a BNCC por parte dos docentes da UEPA, assim como, é praticamente consenso para o grupo investigado que a BNCC não deve orientar a formação de professores de Educação Física. **Palavras-Chave:** Educação Física; BNCC; Formação de professores.

Abstract

Introduction: Discusses the repercussions of the national Common Curricular Base (BNCC) in the physical education course of the State University of Pará (UEPA) from the perspective of professors of the course. **Objective:** To analyze the understanding of teachers of the physical education course of the UEPA regarding the repercussions of BNCC in the initial formation of teachers. **Methods:** Documental Research and content analysis were used to interpret data from semi-structured interviews. **Results:** It is pointed out that for the professors of the UEPA the BNCC is configured as a setback for the fields of education and physical education, presenting itself as a mechanism of semiformation. **Conclusion:** The study indicates that there is a uniformity in the criticism of BNCC by the professors of the UEPA, as well as, it is practically consensus for the group investigated that BNCC should not guide the formation of Physical education teachers. **Keywords:** Physical education; BNCC; Teacher training.

Introdução

Em dezembro de 2017 foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Infantil e Ensino Fundamental, que tem como objetivo definir as competências e as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem se apropriar ao longo dessas etapas de escolarização.ⁱ O documento se baseia e cumpre uma determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996).

Como qualquer documento normativo, que pode ser interpretado como legislador no sentido de Bauman (2010), a BNCC apresenta uma série de controvérsias. Para alguns, além do documento ter sido elaborado com pouca participação da comunidade da Educação brasileira, no que diz respeito à área da Educação Física é possível inferir que o documento pouco expressa o avanço epistemológico conseguido pelo campo a datar do Movimento Renovador,ⁱⁱ além de coadunar com as diretrizes neoliberais propostas pelos organismos multilaterais (MARTINELLI et al., 2016). Para outros, o documento pode ser compreendido como um avanço se pensarmos na necessidade histórica de construção de um currículo (ainda que por diferentes perspectivas) da Educação Física (NEIRA; JÚNIOR, 2016; BOSCATTO; IMPLOCETTO; DARIDO, 2016; GONZÁLEZ, 2017).

Entende-se que os marcos legais e os documentos normativos da Educação Básica devem ser discutidos e problematizados na formação inicial de professores. Foi nesse sentido, que se buscou compreender por via da realidade local as repercussões, tensões e possibilidades da BNCC no contexto de um curso de formação inicial de professores de Educação Física localizado na cidade de Belém do Pará.

Dessa forma, lança-se como questão de pesquisa: qual a compreensão de docentes do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará (UEPA) a respeito das repercussões da BNCC na formação inicial de professores? Logo, este estudo tem como objetivos: 1) Analisar a compreensão de docentes do curso de Educação Física da UEPA a respeito das repercussões da BNCC na formação inicial de professores. 2) Discutir as contribuições e as lacunas da BNCC pensando a Educação Física como componente curricular.

A seguir, apresentam-se os aspectos metodológicos desse estudo. Logo após, abordar-se a concepção de Educação Física presente na BNCC. No outro tópico, discutem-se

as repercussões desse documento na formação inicial de professores de Educação Física por via do discurso de docentes do curso de Educação Física da UEPA. Por último, parte-se para as nossas considerações provisórias.

Métodos

O estudo teve como sujeitos professores doutores efetivos lotados no Departamento de Artes Corporais (DAC) do curso de licenciatura em Educação Física da UEPA. Os dados foram coletados por intermédio de entrevista semiestruturada. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa (SEVERINO, 2002), e para a organização e interpretação dos dados fez-se uso da análise de conteúdo conforme a prescrição de Bardin (2016).

Foram entrevistados cinco docentes de um total de doze. Assim, a entrevista com os outros sete professores não foi possível neste momento devido incompatibilidade de horários, não disponibilidade de alguns docentes e questões administrativas. Para a não exposição do nome dos professores entrevistados durante a apresentação dos resultados, usa-se os termos Professora 1, Professora 2, Professora 3, Professora 4 e Professor 5.

Para contemplar o objetivo dessa pesquisa, organizou-se a entrevista e a exposição dos resultados em quatro eixos centrais, que são: 1) Opinião dos docentes a respeito do projeto de Educação e de Educação Física exposto na BNCC. 2) Contribuições e limites da BNCC para a Educação Física na Educação Básica. 3) Formação de professores de Educação Física e “reestruturação” a partir da BNCC. 4) BNCC e possíveis contribuições para a formação inicial de professores de Educação Física.

A partir de Adorno (1995; 1996a; 1996b) faz-se uso dos conceitos de formação e de semiformação para a análise do sentido do discurso dos docentes. Portanto, considerando que o pensador alemão entende a formação como o processo de apropriação da cultura de modo subjetivo e distante dos mecanismos de alienação, e a semiformação como a forma deteriorada da cultura e do sujeito em todas as suas dimensões, do sensitivo ao espírito (intelecto), busca-se compreender se os discursos dos docentes da UEPA sobre a BNCC sugerem que esse documento aponta para uma perspectiva formativa ou semiformativa.

A concepção de Educação Física expressa na BNCC

No que diz respeito à concepção de Educação Física expressa na BNCC, o componente curricular em questão está inserido dentro da área das linguagens (Educação Física, Arte, Língua Portuguesa e Língua Inglesa), e conta com dez competências específicas. Em geral, as competências usam termos como identificar, interpretar, reconhecer, experimentar e usufruir das práticas corporais tendo em vista o entendimento que elas estão presentes em várias esferas da vida e se vinculam ao lazer, a saúde e ao trabalho (BRASIL, 2017).

Do ponto de vista conceitual, o documento compreende a Educação Física escolar como um conjunto de práticas corporais em suas variadas formas, expressões dos sujeitos e produto dos diversos grupos sociais no decorrer da história. A disciplina (no Ensino Fundamental) é pensada a partir de seis unidades temáticas, que são: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017).

Ainda enquanto concepção, a BNCC entende que as práticas corporais, que são o objeto de estudo da disciplina, estão inseridas no âmbito da cultura, por isso, não se limitam ao deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2017). Como caracterização de práticas corporais, no mesmo sentido de González e Fensterseifer (2010) as práticas corporais devem ser orientadas tendo em vista a construção de uma escola democrática e republicana. Para os autores, a Educação Física como componente curricular se ocupa com o estudo de um conjunto de práticas corporais sistematizadas que se vinculam ao lazer, ao cuidado com o corpo e a saúde. Como elementos em comum, essas práticas corporais possuem a presença do movimento corporal, organizações internas específicas, e relações com a cultura, devido serem produtos socioculturais diversificados e presentes na vida cotidiana das pessoas.

Dessa forma, se supera a Educação Física pensada de forma fragmentada, tanto das outras disciplinas, como de seu objeto de estudo, colocando em cena uma Educação Física com o propósito de que o aluno se encontre em seu próprio contexto sociocultural. Nesse sentido, é possível afirmar que a BNCC incorpora a ideia defendida pelo Movimento Renovador de que o objeto de intervenção da Educação Física na escola é oriundo da cultura. Assim, encontra-se no documento traços da chamada virada culturalistaⁱⁱⁱ da

Educação Física brasileira, que tem em Mauro Betti e Valter Bracht os principais analistas desse processo (COSTA; ALMEIDA, 2018).

As dez competências prescritas para a área da Educação Física buscam de uma forma geral fazer com que o aluno experimente/vivencie as práticas corporais apresentadas nas unidades temáticas, para que desse modo ele possa de forma autônoma, refletir, criticar, analisar, e intervir nos seus contextos socioculturais de lazer, saúde, e familiares (BRASIL, 2017).

Outro aspecto apresentado na concepção de Educação Física da BNCC é a associação da disciplina como um tempo-espço de vivências que transcendem a racionalidade científica que caracteriza a escola moderna. Desse modo, o termo experiência é uma categoria central no documento, no sentido de se pensar a possibilidade de experiências ricas com o corpo e com o movimento. Sobre essa questão, segue a passagem a seguir:

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde (BRASIL, 2017, p. 209).

Se conceber-se Educação Física como uma disciplina que contribui de modo contundente no processo de escolarização dos alunos e na humanização das relações sociais desiguais instauradas na sociedade contemporânea conforme apontam Oliveira, Oliveira e Vaz (2008), certamente a redução da disciplina a um mero espaço de construção de experiências e contato com os aspectos estéticos, lúdicos, emotivos e agonísticos das práticas corporais não contribui para a real legitimação da disciplina como um campo de conhecimento plausível de ser socializado no tempo e espaço da escola.

Além disso, essa concepção reforça a falsa crença de que a escola ensina muito, é conteudista e pouco lúdica. Sendo assim, é preciso uma disciplina diferente, mais livre, autônoma e aberta as diferentes perspectivas intersubjetivas.^{iv} No limite, a concepção de Educação Física exposta na BNCC é antagônica ao processo de escolarização, de apropriação e reconstrução da cultura por parte das crianças, jovens e adultos oriundos das camadas populares.

Perspectiva docente sobre as “repercussões” da Base Nacional Comum Curricular na formação de professores de Educação Física

Outro ponto refere-se a essa crença implícita e explícita de que a Educação Física é a disciplina da “vivência”. Ou seja, o aluno deve prioritariamente usufruir e experimentar práticas corporais, e não produzir análise e compreensão delas por via de processos de estudo e de experiência no sentido de ter um contato sistemático com o fenômeno para com isso produzir alguma modificação dele para o mundo (BENJAMIN, 2012).

Se analisar-se atentamente o texto da BNCC, percebe-se que a concepção de González e Fensterseifer (2010) está fortemente presente no documento.^v Tal fato, a nosso ver acarreta um prejuízo curricular para a área da Educação Física, tendo em vista que na organização dos conteúdos durante os diferentes níveis de ensino existe apenas uma disposição de atividades corporais para cada série. Ou seja, a Educação Física com uma nova roupagem novamente é dominada pela ideia da pluralidade de vivências sem o compromisso com uma formação humana ampliada capaz de oportunizar aos alunos a possibilidade de produzirem crítica e compreensão efetiva sobre as diversas práticas corporais.

Um elemento interessante para a visualização da crítica acima realizada, é que quando o documento sinaliza os possíveis conteúdos para cada série, o que é apresentado são apenas as práticas corporais em si, ou a prática dentro de uma determinada classificação. Por exemplo, no 1º e 2º segundo ano do Ensino Fundamental, sugere-se que o aluno tenha contato com os esportes de marca e precisão. Contudo, no 6º e 7º ano, o aluno novamente terá contato com os esportes de marca e precisão, além dos de invasão e os técnico-combinatórios. Em uma perspectiva similar, aponta-se para o 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental a vivência das lutas do contexto comunitário e regional e das lutas de matriz indígena e africana, todavia, lá no 6º e 7º ano o aluno deve ter contato com as lutas do Brasil, e no 8º e 9º ano com as lutas do mundo.

O que se questiona, é o critério escolhido para a organização do conhecimento nas diferentes séries, pois, se para o esporte ao que parece foi adotado o modelo de seleção a partir das classificações que derivam do clássico debate da lógica interna dos jogos e esportes de Parlebas (2001). Para a dança, nas séries iniciais do Ensino Fundamental ao que tudo indica pensou-se apenas no critério de danças locais e danças do mundo. A nosso ver, essa ideia de distinguir a cultura entre aquilo que é unicamente local e aquilo que é global/do mundo desconsidera a discussão de Burke (2003) sobre as culturas híbridas presentes na sociedade contemporânea. De acordo com autor, as culturas estão cada vez

em conexão, e sofrem influência de diferentes contextos em épocas distintas, pois, o hibridismo cultural pode ser compreendido como o processo de encontro, contato, interação e troca entre diferentes culturas. Sendo assim, na sociedade contemporânea, com qual referência é possível falar de danças do Brasil e do mundo?

No caso do esporte, a ideia de distribuir o conteúdo em cada série levando em consideração apenas a classificação exposta na BNCC que se baseia no tipo de interação e ação motora (lógica interna) presente nas atividades competitivas comprova o apreço pela vivência no seu sentido mais esvaziado. Cabe a nós refletirmos se realmente bastaria escolher um tipo de esporte e ministrar em cada série, ou se não seria possível pensar no que é viável ensinar e experimentar sobre o fenômeno esporte em cada série?

Na linha de problematização que se apresenta até aqui, considera-se que as bases para um currículo da Educação Física precisam ser pensadas tendo em vista uma escolarização progressiva com os conteúdos da cultura corporal de movimento. Com isso, o que se aprende sobre o esporte nos anos finais do Ensino Fundamental deve ser mais denso do que as aprendizagens adquiridas nas séries iniciais. Para tal, a seleção dos conteúdos apenas tendo como referência o tipo de dinâmica motriz de cada esporte não garante que o aluno aprenderá mais sobre o referido fenômeno em cada série, mas sim, que terá apenas vivências motoras diferentes.

No fundo, o documento ainda que fale de uma saber conceitual que deve ser socializado, não supera a crença do aprender fazendo, e descaracteriza a Educação Física como campo de conhecimento e disciplina que se organiza em torno de um saber que é eminentemente corporal. Porém, apresenta relações amplas com o mundo do trabalho, a política, a economia, a cultura, o lazer e as relações de poder, fazendo com que seja possível em cada série tanto a complexidade das experiências corporais aumentarem, como também, o nível da reflexão teórico-conceitual sobre elas.

No fundo, o que temos na BNCC é apenas a disposição “aleatória” de atividades sem nenhuma consistência curricular sobre o sentido e o significado do processo de escolarização de crianças, jovens e adultos por intermédio das práticas corporais. Escapa ao documento uma reflexão sobre o que é efetivamente ensinar em cada nível de ensino, falta rigor científico, o que, aliás, não é estranho, tendo em vista que na concepção de Educação

Física do documento em nenhum momento se caracteriza as práticas corporais como fenômenos a serem estudados, mas sim, preferencialmente vivenciados.

Conforme expõe Freire (1997), concebe-se a prática educativa não como uma ação mecânica de transmissão e assimilação de conteúdos cristalizados e inalteráveis, e tampouco como uma prática esvaziada de sentido e dominada pelo empirismo dos discursos educacionais contemporâneos. Mas sim, como uma forma de possibilitar aos sujeitos a produção de compreensão e de significado sobre os conhecimentos estudados. Nas palavras de Freire (2008), ensinar significa criar possibilidades para aprendizagens cada vez mais significativas e ao mesmo tempo complexas a respeito dos conteúdos culturais. Sendo assim, ensinar e aprender são atividades que exigem rigor e critérios, não podendo ser realizadas sem amorosidade e esforço.

Não tendo como propósito negar por completo e nem supervalorizar a BNCC, acredita-se que a formação inicial de professores necessita ser um dos espaços estratégicos para uma discussão crítica e reflexiva sobre os documentos da Educação brasileira. Sendo assim, é tarefa da formação de professores possibilitar uma reflexão ampliada a respeito da prática educativa, das grandes discussões teóricas e das políticas curriculares da Educação brasileira. No tópico seguinte, parte-se para a pesquisa de campo que visou por via do discurso de docentes do curso de Educação Física da UEPA compreender as repercussões e tensões da BNCC na formação inicial de professores.

Resultados

BNCC e formação de professores de Educação Física

Neste momento serão expostos os elementos oriundos do campo de estudo, em especial aquilo que os docentes pensam e compreendem a respeito da BNCC e suas implicações na formação inicial de professores de Educação Física. Desse modo, organizou-se a exposição a partir dos quatro eixos mencionados anteriormente.

2.1 – Sobre o projeto de Educação e de Educação Física exposto na BNCC

De acordo com o discurso dos docentes, a concepção de Educação exposta na BNCC parte de um projeto de Educação global, direcionado pelo grande capital na forma de política educacional. Nesse sentido, diz a professora 1 que no documento em questão pode-se constatar que:

A proposta de Educação da BNCC está articulada com projetos mais abrangentes de Educação mundial, expressos na documentação de política internacional. Entendem a Educação como salvadora, e capaz de contribuir com o desenvolvimento das nações. Falo isso, porque a BNCC faz referência a Agenda 2030 da ONU, e lá tem um projeto de Educação para as nações (PROFESSORA 1).

Nesse sentido, a fala dos docentes reforça o atrelamento do projeto de Educação da BNCC com as demandas do mundo do capital, tendo em vista que “Em relação ao projeto ele está vinculado a uma vertente dentro do sistema capitalista de Educação, onde há centralidade da Educação nos interesses hegemônicos, nos interesses do capital” (PROFESSORA 3).

O discurso dos docentes aponta que é inviável um debate sobre a Educação Física na BNCC desatrelado da conjuntura neoliberal das reformas globais da Educação que atingem a América Latina. De acordo com Freitas (2014) a construção de uma base nacional comum faz parte das pretensões homogeneizadoras e de padronização do grande capital sobre os conhecimentos aprendidos principalmente pelas classes populares. Assim, a partir de um discurso ideológico de justiça social e de garantia de mínimas aprendizagens para todos, na verdade o que se projeta é em uma formação funcional para um mundo do trabalho cada vez mais desregulamentado.

Conforme expõe Freitas (2014), corroborando com o discurso dos docentes entrevistados, os reformadores empresariais da educação têm agido principalmente pelo controle das avaliações externas em larga escala e por consequência na seleção dos objetivos de ensino das escolas por via da criação de matrizes de referências para as avaliações externas. Nessa perspectiva, a burguesia também enfrenta uma contradição entre ter que dar conhecimentos para as classes populares atuarem no mercado de trabalho, e a possibilidade de que por via desses saberes, novas formas de resistência possam emergir nas escolas.

Por outras vias, a política educacional internacional de cunho capitalista discutida pelos professores pode ser considerada como um elemento de mediação da semiformação no sentido de Adorno (1995). Ou seja, todo e qualquer processo de redução da cultura e da formação não se impõem de modo direto nas diversas esferas da vida social, por isso, necessitam de mecanismos externos, que funcionam também como legitimadores de tal

Perspectiva docente sobre as “repercussões” da Base Nacional Comum Curricular na formação de professores de Educação Física

ordem. No sentido de Adorno (1996a), a crise da semiformação extrapola os limites da intervenção pedagógica, pois:

Reformas pedagógicas isoladas, como sempre indispensáveis, não trazem contribuições substanciais. Poderiam até, em certas ocasiões, reforçar a crise, porque abrandam as necessárias exigências a serem feitas aos que devem ser educados e porque revelam uma inocente despreocupação frente ao poder que a realidade extrapedagógica exerce sobre eles (ADORNO, 1996a, p. 1).

Sobre a relação entre a BNCC e o abrandamento de reais problemáticas e por vezes o reforço de crises sociais e educacionais que de acordo com Adorno (1996a) certas reformas educacionais podem apresentar em seu conteúdo, diz a professora 1 que:

Esses documentos geralmente vêm com a justificativa de transformar algo. Mas o que é esse algo? O que eles criticam? E na construção do discurso buscam propor algo novo. Logicamente, que eles não vão a raiz do problema, nem é a intenção da proposta. Ficam na aparência fenomênica.

A ideia da professora 1 de ir a raiz do problema é fundamental para a compreensão da dimensão ideológica do discurso dos reformadores empresariais da educação. Para esse grupo, que envolve empresários, políticos, mídias, institutos, fundações privadas e intelectuais (FREITAS, 2014), o problema da educação consiste na má gestão e execução do processo educativo realizado pela comunidade escolar (HYPOLITO, 2019). Com isso, professores e gestores são os principais responsáveis pelos problemas econômicos e educacionais da nação, pois, custam caro para o Estado e apresentam resultados não satisfatórios. Contudo, esse discurso é ideológico justamente por desconsiderar que cada vez mais se cobra e se responsabiliza os professores pelos supostos fracassos educacionais, porém, investe-se cada vez menos na qualidade das escolas, na formação inicial e continuada dos professores e em todos os outros aspectos que dizem respeito ao trabalho educativo (SHIROMA, 2018).

Como é perceptível, o discurso dos docentes problematiza a todo o momento o que se tem realmente de conteúdo formativo na BNCC, Pois, “A Base Nacional Comum Curricular ela é um documento voltado para Educação Básica e ela não tem nenhum projeto voltado especificamente para a Educação e para a Educação Física no sentido da formação” (PROFESSORA 4). Nessa fala, torna-se evidente que de acordo a docente a BNCC é antagônica a uma real formação, ou como diz o professor 5, o caráter da BNCC é demasiado prático, ou seja, utilitário. Recorrendo as contribuições de Freire (1997), pode-se afirmar que a BNCC pensa a formação como uma forma de treinamento para o mundo neoliberal, o que

a torna efetivamente contrária a uma perspectiva formativa defendida pela maioria dos docentes entrevistados.

Como a discussão sobre o sentido geral da BNCC realizada pela maioria dos docentes tem como pressuposto que o documento se atrela a agenda do capital mundial e adentra na Educação na forma de política curricular, a concepção de Educação Física expressa no documento acaba também por se vincular a essas prerrogativas. Para a maioria dos docentes, a perspectiva de Educação Física proposta pela BNCC apresenta lacunas, ainda mais por não está vinculada a uma Educação Física pensada no bojo das discussões teóricas acumuladas desde a década de 1980. Assim, os professores apontam que fragmentos de várias abordagens pedagógicas da Educação Física aparecem no documento, o que acaba por não contribuir de forma consistente com a construção de uma orientação para o currículo da Educação Física. De acordo com a professora 1 a BNCC “Desconsidera o acúmulo da área sobre as abordagens e suas concepções, e faz uma miscelânea teórica para apontar uma proposta”. Dessa forma, ainda de acordo com a professora 1:

Sempre temos que analisar criticamente essas propostas no campo da política educacional, parecem inovadoras, modernas, mas como mencionei, sempre redimensionam o velho (ou a política velha), e apresentam como algo novo, inovador. Desta forma, a proposta de Educação Física mistura um conjunto de informações teóricas. Quando você lê, parece muito legal! Mas o que temos que observar é o que está por traz dessa aparente noção de achar legal.

A partir da fala dos docentes, pode-se constatar que o fato da BNCC apresentar aspectos teórico-metodológicos de diferentes concepções da Educação Física fragiliza o documento.^{vi} Contudo, de acordo com a professora 4 esse fato também pode ser analisado como uma tentativa de mediação entre os diferentes setores da Educação Física brasileira. Assim, diz a professora 4 que:

Se você ler com calma, têm passagens que são dessa perspectiva de um projeto mais tecnicista e imediatista, e elementos, conteúdos e atividades que problematizam a realidade, que valorizam a cultura, que torna o estudante protagonista do processo de aprendizagem, então é um documento muito mesclado.

A nosso ver, conforme tratado anteriormente, apesar dos fragmentos de diferentes perspectivas teóricas da Educação Física apresentados pelo documento, o sentido que impera na BNCC é o do esvaziamento do processo de escolarização por via das práticas corporais. Como bem destaca a professora 1, existem elementos de sedução no discurso da BNCC. Todavia, tanto no aspecto geral, como no específico da Educação Física, o que se tem

é uma forma deteriorada de conteúdo formativo, que conforme Adorno (1996a; 1996b) denomina-se de semicultura.

Outro aspecto discutido pelos docentes se refere à pretensão generalista da BNCC. Sobre isso, diz o Professor 5 que:

O caráter dela é muito mais prático do que tão somente do ponto de vista de diretrizes e de parâmetros, é muito mais para a sua própria materialização daquilo que está previsto na base [...] acaba assumindo um caráter muito mais um impositivo e unitário (PROFESSOR 5).

Dentre os cinco professores entrevistados apenas uma docente se posicionou favorável a BNCC. Segundo a Professora 2 a BNCC é “um excelente projeto de Educação”. Desse modo, pode-se inferir que para a maioria dos docentes a BNCC apresenta elementos que estão aquém do acúmulo historicamente construído na área da Educação Física, o que, portanto, nos permite dizer que esse documento apresenta aspectos semiformativos.

2.2 - Contribuições e limites da BNCC para a Educação Física na Educação Básica

As falas dos docentes se concentram de forma majoritária, com exceção de uma professora, no sentido de que uma das contribuições da BNCC é o próprio debate gerado no campo acadêmico e profissional. Os limites apontados pelos professores dizem respeito à “profundidade” dos conteúdos e aos procedimentos metodológicos expostos no documento. De acordo com o Professor 5 a BNCC:

Se apresenta e se configura na verdade de modo bem difuso no que diz respeito ao seu conteúdo, e não dá a devida delimitação e não apresenta grandes incorporações de todo esse produto histórico da Educação Física e das abordagens teórico-metodológicas, fica um pouco vazio, fica descolado do debate que a própria produção do conhecimento na área tem produzido (PROFESSOR 5).

A fala do docente ganha ainda mais sentido quando se examina que no texto da BNCC não fica evidente de qual tradição da Educação Física se origina a definição de práticas corporais e de cultura corporal de movimento. A nosso ver, a perda do rigor conceitual do que se pretende efetivar como prática nas instituições de ensino pode ser compreendida como uma dimensão semiformativa do documento. Aliás, é possível verificar isso também nas definições sobre esporte, dança, jogo, lutas, etc., o que aponta para uma espécie de “semiconceitos”. Pois, no sentido de Adorno e Horkheimer (1985), um conceito deve abranger toda a descrição histórica e as nuances de um determinado fenômeno, fato esse

que certamente se encontra ausente na BNCC quando ela “conceitua” os conteúdos e o objeto de intervenção e estudo da Educação Física.

No sentido de Adorno (1996b), a fala da maioria dos docentes nos permite pensar que existe uma redução de conteúdo na BNCC, em especial dos conteúdos da Educação Física, sendo esse um mecanismo de semiformação. Afinal, “Isso se consegue ao ajustar o conteúdo da formação, sobre os mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da formação cultural e cuja modificação seria propriamente a formação cultural” (ADORNO, 1996a, p. 8).

Contudo, um elemento nos chamou atenção no discurso do professor 5. Pois, o docente realizou uma densa crítica sobre a relação da BNCC com o projeto neoliberal de formação e de sociedade, assim como, dos limites teórico-metodológicos da Educação Física no documento. Todavia, o mesmo docente não conseguiu transpor seus argumentos mais gerais para uma crítica dos conteúdos específicos da Educação Física expressos na BNCC, assim, diz o docente que:

No ponto de vista do conteúdo, ou seja, do objeto de estudo, de certa maneira do conteúdo ao objeto de estudo não há uma diferença, o problema é do ponto de vista da organização teórico-metodológico, ou seja, de que modo fundamenta [...]. Pois o problema não é conteúdo porque esse conteúdo nós sabemos quais são. O jogo, esporte, dança, ginástica, etc.

A nosso ver, tal discurso é contraditório. Pois, será se é realmente possível construir uma crítica aos objetivos mercantis da BNCC, a ausência de procedimentos teórico-metodológicos no componente curricular Educação Física, e desconsiderar os conteúdos específicos como parte desse processo? Será se apenas o fato do documento sinalizar para o trabalho com o jogo, a dança, a ginástica, as lutas, etc., já se tem a garantia de uma dimensão formativa desses conteúdos pensando no modo como estão dispostos no documento?

A partir de Adorno (1996b), considera-se que vivemos em uma época de negação da formação cultural nas instituições sociais e nas relações humanas. Nesse sentido, é impossível uma crítica à concepção de mundo e as intenções neoliberais da BNCC, desprovida de uma crítica da totalidade dos seus conteúdos. Logo, os conteúdos específicos da Educação Física no documento atuam também no sentido do rebaixamento da formação cultural das crianças, jovens e adultos. Com isso, necessita-se articular uma crítica e construir uma intervenção pedagógica que leve em consideração à amplitude da problemática, pois:

Perspectiva docente sobre as “repercussões” da Base Nacional Comum Curricular na formação de professores de Educação Física

O conhecimento da degeneração social da semicultura confirma que não é possível mudar isoladamente o que é produzido e reproduzido por situações objetivas dadas que mantêm impotente a esfera da consciência. Em uma totalidade contraditória, o problema da formação cultural se vê envolvido também em uma antinomia. O ininterrupto palavrório da cultura é alheio ao mundo e ideológico em face da tendência à sua liquidação, que se manifesta objetivamente e extrapola os limites dos sistemas políticos (ADORNO, 1996b, p. 15).

No que diz respeito à defesa dos conteúdos apresentados no documento, uma professora se posicionou mais enfaticamente a favor da BNCC, no sentido de que “As contribuições da BNCC para a Educação Física oferecem uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo um acesso a um vasto universo cultural” (PROFESSORA 2).

Outro aspecto criticado pelos docentes diz respeito aos procedimentos operacionais de implementação do documento, devido não ter ocorrido um processo de adaptação e debate da BNCC dentro das escolas. Pois, “o documento chega como ordem dada, não há uma descrição pela escola, não há uma reflexão sobre o que o documento dar” (PROFESSORA 4). Conforme apontam Freitas (2014) e Hypolito (2019) as reformas educacionais contemporâneas atuam por via da prescrição arbitrária dos conhecimentos. Sendo assim, apresentam uma natureza antidemocrática que inviabiliza a construção coletiva e o protagonismo dos sujeitos que estão no cotidiano da escola.

A questão do modo implementação da BNCC pelas secretarias estaduais e municipais de Educação é outro aspecto que se deve atentar. Pois, caso a base seja lida como um currículo no seu sentido mais esvaziado (como prescrição), certamente os prejuízos serão ainda maiores no processo de escolarização de crianças, jovens e adultos (BETTI, 2018). Desse modo, indica-se que a base necessita de leitores críticos e acima de tudo que pensem a viabilidade ou não da proposta levando em consideração os seus contextos e condições reais de trabalho, tendo como horizonte a ampla formação cultural dos alunos.

2.3 – Formação de professores de Educação Física e “reestruturação” a partir da BNCC

Dentre os cinco professores entrevistados somente uma docente se posicionou a favor de uma reestruturação na formação inicial de professores a partir da BNCC. Os demais entrevistados se manifestaram contrários a tal “necessidade”. Segundo a maioria dos professores já existe na produção do conhecimento brasileira uma discussão mais ampliada sobre a Educação Física escolar. Dessa forma, é preciso que se faça resistência. A professora

4 ilustra esse argumento quando diz que “é um problema nas políticas públicas brasileiras, porque elas não se articulam, o que é discutido no Ensino Superior está desatrelado do que vem sendo discutido na Educação Básica”. Para a professora 1:

A BNCC integra um projeto de Educação mais abrangente, integra um determinado projeto de formação, em contraposição ao que defendemos para a área. Desta forma, penso que temos que ser resistência. Não devemos adequar ou reestruturar a formação a partir da BNCC, devemos sim, é questionar amplamente o que está proposto lá.

Outro argumento interessante que se fez presente no discurso dos docentes, diz respeito ao fato de que a relação entre formação de professores e políticas educacionais não pode ocorrer de modo mecânico e hierárquico. Nesse sentido, não cabe aos documentos construídos no campo da política educacional a tarefa de delimitar por completo como deve ocorrer a formação de professores. Nas palavras da professora 4, deve haver diálogo entre os dois polos, e não uma relação de imposição arbitrária, pois, “não é uma relação hierárquica, a BNCC não pode ser o documento que vai delimitar e recortar a aprendizagem na formação inicial de jeito nenhum, agora deve haver um diálogo”.

No discurso da professora 4, a necessidade de diálogo entre as políticas educacionais e a formação de professores deve ser pensada como uma possibilidade, porém, desde que essa relação seja construída democraticamente e respeitando a autonomia das Instituições de Ensino Superior. De acordo com o professor 5, se comparado com o que está escrito no texto final da BNCC, o debate construído na área da Educação Física nos últimos 30 anos consegue dar respostas mais densas do ponto de vista da formação humana. Portanto, segundo o docente:

A perspectiva não é formar professores para se adequar a BNCC, ou se reestruturar ou reestruturar o Projeto Político Pedagógico da formação de professores a partir do que a BNCC tá estipulando no que diz respeito à estrutura curricular para Educação no geral, para Educação Física em particular, o movimento é inverso, e consequentemente, não deve ter essa adequação.

Na perspectiva da posição política e pedagógica, compreende-se que o debate dos professores sobre a não necessidade de reestruturação da formação inicial a partir da BNCC é coerente. Contudo, certamente existirá uma maior tensão nesse processo, pois, a própria versão final da BNCC afirma que o documento influenciará a formação inicial e continuada de professores, assim como, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais (BRASIL, 2017). Tais elementos corroboram com os apontamentos de

Hypolito (2019) de que a BNCC no bojo das reformas globais da Educação atua buscando a padronização das formas de ser do sistema escolar, a descentralização no sentido de que as secretarias devem cumprir o prescrito, e a prestação de contas/responsabilização, afinal, serão sempre os atores educacionais os culpados pelos fracassos ou méritos das suas instituições e sistemas.

Sabe-se que a tomada de posição política e o enfrentamento as reformas educacionais neoliberais são aspectos fundamentais para o exercício da crítica na formação inicial de professores. Contudo, a crítica necessita ser responsável, buscar as mediações possíveis (LOVISOLO, 1995), ou o “caminho do meio” (FURTADO; BORGES, 2019). Com isso, afirma-se que os estudantes precisam conhecer e produzir compreensão sobre a BNCC na formação inicial de professores. Logo, o processo não deve ser de total negação, mas sim, de reflexão conjunta sobre as contribuições e os limites do documento para o campo da Educação Física escolar.

2.4 – BNCC e possíveis contribuições para a formação de professores de Educação Física

Assim como todas as questões anteriormente comentadas, apenas uma professora se posicionou a favor do documento em questão, defendendo a existência de um avanço em vários aspectos, como, por exemplo, no processo de “ensino-aprendizagem da Educação Física nas escolas” (PROFESSORA 2). Os demais professores não apontam contribuições, afinal, para eles a BNCC se encontra desatrelada do que vem sendo acumulado historicamente na Educação Física. Assim, diz a professora 1 que “Pode ajudar no campo da crítica. Como mencionei, devemos olhar para essas propostas de forma crítica. Não estão no mesmo campo conceitual, teórico e epistemológico que estamos”.

No mesmo sentido da professora 1, apesar de reconhecer que a BNCC ajuda a fomentar o debate no campo educacional em geral e na Educação Física em particular, afirma o professor 5 que “Não vejo que ela traz contribuições para ajudar, que é isso, a minha defesa é nós temos um outro debate do ponto de vista”.

Por via de outros argumentos, a professora 4 também defendeu que a formação de professores de Educação Física não deve ser reorientada a partir da BNCC. Para a professora, o debate e a prática de formação de professores possui uma lógica própria que não lhe permite ser compreendida como treinamento para a intervenção profissional, pois:

Então eu não posso trazer a BNCC para enquadrar os cursos de formação, deve haver um diálogo entre isso para que essa formação esteja atenta ao que está sendo orientado nas escolas sobre Educação e Educação Física, mas eu não posso negar, por exemplo, dentro dos eixos da formação, eu não posso negar que é um conhecimento fisiológico, biológico e sociológico, e isso não tá na BNCC, até porque isso não é uma transposição de conhecimento como a gente vê ao longo da história da prática pedagógica do professor, o que eu aprendo na aula de voleibol da faculdade eu replico, reproduzo no clube ou na escola, mas não é isso, o que eu aprendo aqui, eu estou aprendendo os fundamentos e as técnicas para ser professor. Portanto, esse é o conhecimento técnico específico, o objeto de estudo da Educação Física, e sobre esse conhecimento eu vou ter que colocar os elementos da disciplina didática que eu fiz, da disciplina fisiologia do treino que eu fiz (PROFESSORA 4).

Nesse sentido, a professora 4 defende que antes de pensar os seus necessários processos de reconstrução a partir da macro política educacional, a formação inicial de professores de Educação Física necessita dialogar constantemente com a prática pedagógica que tem sido desenvolvida nas escolas. No entanto, isso não quer dizer que não pode ocorrer diálogo e construção coletiva junto e a partir das diretrizes e bases elaboradas no campo da política educacional. Contudo, isso necessita ocorrer de modo democrático e atento as reais demandas, anseios e possibilidades dos professores que atuam com as práticas corporais nas escolas.

Retornando ao debate da formação e da semiformação em conexão com a BNCC, por via do discurso dos docentes do curso de Educação Física da UEPA é possível afirmar que apenas uma professora defende que a BNCC apresenta elementos formativos, e que a formação inicial de professores precisa ser reestruturada a partir dos avanços teórico-práticos expressos nesse documento. Todavia, a maioria dos docentes realizou densas críticas ao projeto de Educação Física defendido na BNCC. Assim, foi praticamente unânime entre os professores que do ponto de vista do conteúdo específico da área da Educação Física, a BNCC corrobora com o histórico processo de esvaziamento do conhecimento, e com o não reconhecimento da função formativa da disciplina.

Conclusão

A presente pesquisa tratou das repercussões da BNCC na formação inicial de professores de Educação Física na UEPA. Assim, indica-se que o documento em questão tem gerado uma série de tensões e de críticas por parte dos docentes, ainda que, para um

número menor deles existam algumas possibilidades para uma conexão formativa entre a formação inicial de professores e a BNCC.

Para a maioria dos docentes, a formação de professores de Educação Física não deve ser estruturada a partir dos conteúdos e dos aspectos teórico-metodológicos apresentados na BNCC. Como justificativa, os docentes apontam que a pluralidade (miscelânea) de concepções pedagógicas presentes na base, e a necessidade da formação contemplar aspectos que transcendam as orientações do documento são elementos que sugerem que a formação de professores faça a crítica e construa em diálogo com as escolas propostas que superem a lógica semiformativa da BNCC.

Conclui-se que a perspectiva dos docentes dessa instituição aponta para uma compreensão da BNCC como mecanismo de semiformação, em especial, no que diz respeito à redução do conteúdo da Educação Física presente no documento, e as suas intenções políticas alinhadas com o sistema do capital.

Referências

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor. Teoria da semicultura – parte I. **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996a, p. 388-411.

ADORNO, Theodor. Teoria da semicultura – Parte II. **Revista Educação e Sociedade**, São Paulo, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996b, pág. 388-411.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOSCATTO, Juliano; IMPLOCETTO, Fernanda; DARIDO, Suraya. A Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a Educação Física? **Motrivivência**, V. 28, nº 48, setembro/2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura** (Obras Escolhida v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012.

BETTI, Mauro. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da educação física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. **Rev. Bras. Educ. Fís. Escolar** Ano IV, V. 1 – Jul. 2018.

BETTI, Mauro. Educação Física e cultura de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física**, UEM Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. sem. 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

COSTA, Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão. A Educação Física e a “virada culturalista” do campo: um olhar a partir de Mauro Betti e Valter Bracht. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, vol. 22, n. 01, p. 1-12, jan/abr, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Luis Carlos. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico da escola. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, nº. 129, p. 1085-1114, out.-dez., 2014.

FURTADO, Renan Santos. BORGES, Carlos Nazareno Ferreira. A condição esportiva. **Educação**, Santa Maria, v. 44, 2019.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Parecer sobre Base Nacional Comum Curricular 3º versão**. Unijuí, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensado saídas do não lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 10-21, mar. 2010.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. BNCC, Agenda Global E Formação Docente. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 187-201, jan./mai. 2019.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Educação Física**: arte da mediação. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1995.

MACHADO, Tiago da Silva; BRACHT, Valter. O impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes: uma leitura a partir da “teoria do reconhecimento” de Axel Honneth. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 849-860, jul./set. de 2016.

MARTINELLI, Telma Adriana Pacifico et al. Educação física na BNCC: concepções e fundamentos políticos e pedagógicos. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 76-95, setembro/2016.

NEIRA, Marcos Garcia; JÚNIOR, Marcílio Souza. A educação física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 188-206, Setembro/2016.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda; OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de Educação Física. **Pensar a prática**, 11/3: 303-318, set./dez. 2008.

PARLEBAS, Pierre. **Juegos, deporte y sociedad: léxico de praxiología motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquin. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

SHIROMA, Eneida Oto. Gerencialismo e formação de professores nas agendas das Organizações Multilaterais. **Momento: diálogos em educação**, E-ISSN 2316-3100, v. 27, n. 2, p. 88-106, mai./ago, 2018.

Notas

ⁱ Por opção metodológica, neste estudo se trabalha com o documento de 2017, porém, sinaliza-se que já existe uma última versão da BNCC publicada em 2018 que contém as orientações para o Ensino Médio.

ⁱⁱ De acordo com Machado e Bracht (2016) o Movimento Renovador da Educação Física pode ser considerado como uma espécie período de contestação e crítica à tradição médico-militar e esportiva que constituiu e ainda exerce influência na área desde o século XIX. Desse modo, além de ter sido um movimento de caráter de denúncia, existiam propostas unitárias por parte dos seus agentes, dentre elas, a necessidade da Educação Física se tornar um componente curricular com conteúdo a ser socializado na Educação Básica e a demanda pelo aumento das discussões e das pesquisas realizadas a partir dos enfoques teóricos das Ciências Humanas.

ⁱⁱⁱ Betti (2007) afirma que a virada culturalista da Educação Física expressa um movimento que a datar da década de 1980 se apresentou como uma resposta à crise de identidade e ao predomínio dos paradigmas das Ciências Naturais na área. Como evidência desse quadro, termos como cultura corporal, cultura de movimento e cultura corporal de movimento se tornaram frequentes no debate instaurado no campo acadêmico da Educação Física.

^{iv} O documento faz uso a todo o momento dos termos lúdico e ludicidade sem um maior aprofundamento conceitual destes. O que fica explícito, é que ludicidade associa-se diretamente com brincadeira, “liberdade”, euforia e alegria. A nosso ver, é preciso reconstruir e avançar a compreensão do conceito de ludicidade na área da Educação Física com base nas contribuições filosóficas de Schiller (1995). Nesse estudo, é possível verificar os vínculos entre natureza humana e ludicidade para além das definições simplórias presentes em grande parte do debate educacional brasileiro.

^v Ainda que o professor Fernando Jaime González não tenha participado como redator da última versão da BNCC, é evidente a presença das suas contribuições no documento, em especial, na definição de Educação Física, na conceituação e caracterização das práticas corporais e na sistematização do conteúdo esporte.

^{vi} De acordo com Betti (2018) a presença de diferentes abordagens/concepções da Educação Física no texto final da BNCC pode ser expressão da diversidade epistemológica do próprio grupo de professores que redigiu a versão final do documento.

Sobre os autores

Renan Santos Furtado

Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (UFPA) no ano de 2017. Especialista em Educação Física Escolar pela Escola Superior Madre Celeste (ESMAC) no ano de 2018. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED) no ano de 2019. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED). Professor da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Professor da SEDUC/PA entre 2017 e 2018. Membro do Centro Avançado de Estudos em Educação e Educação Física (CAÊ), integrando a linha de pesquisa: Estudos de Formação e Práticas Pedagógicas em Educação e Educação Física. Atua como Revisor dos periódicos Arquivos em Movimento (UFRJ) e Interfaces da Educação (UEMS). Possui aproximação, estudos e pesquisas nos seguintes temas: Políticas Educacionais; Processos e Práticas Colaborativas de Formação de Professores; Educação Física Escolar; Práticas Corporais e Questões Epistemológicas e Filosóficas da Educação e da Educação Física. Apresenta experiência na Educação Física escolar e na formação continuada de professores como áreas de intervenção e pesquisa a partir de vínculos institucionais, empregatícios e programas de políticas públicas. E-mail: renan.furtado@yahoo.com.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7871-2030>

Gustavo Henrique Oliveira Costa

Professor de Educação Física formado pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Pesquisador em Educação Física Escolar; Políticas Públicas de Esporte e Lazer e Formação de Professores.
E-mail: gustavo-costa12@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5104-6266>

Recebido em: 15/09/2019

Aceito para publicação em: 14/10/2019